



**PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE
SECRETARIA MUNICIPAL DA CULTURA**

PEQUENAS TRAGÉDIAS

peça teatral de autoria de Avelino Alves

vencedora, em 1º lugar, do

3º Concurso Nacional de Dramaturgia - Prêmio Carlos Carvalho/2000

IMPORTANTE: Conforme o edital do Prêmio Carlos Carvalho / Auxílio-Montagem, concurso nº 17/10, processo nº 001.044122.10.1, item 2.4. *“Os direitos autorais para montagem das peças teatrais, que são objeto do prêmio de auxílio-montagem, estão liberados pelos próprios autores”, exclusivamente, “nas datas para as apresentações gratuitas previstas no item 1.1 deste edital” (15, 16, 17, 22, 23 e 24 de julho de 2011), “sem ônus para o Município e para os encenadores”, após essas datas, a liberação para novas apresentações estará sujeita a novo acordo a ser realizado diretamente entre autores e encenadores. Qualquer infração aos direitos autorais estará sujeita à legislação vigente no País.*

Pequenas tragédias

de Avelino Alves

(Peça em um ato e sete cenas)

Personagens:

Artur / Primo

Eliana

ATO ÚNICO

Cena 1 - Surpresa

Sala de um apartamento classe média baixa com janela ao fundo.

Palco escuro quando Artur entra. Ao acender o interruptor, vê Eliana sentada no sofá.

Artur – *(Espanto)* Ei, o que você está fazendo aqui?

Eliana – Visitando o namorado. Não pode, nenê?

Artur – *(Contendo a irritação)* Namorado? *(Ri)* Ridícula. *(Bravo)* Esperasse na portaria, caralho. Quem deixou você entrar?

Eliana – O velho Seu Elias de sempre. *(Zombeteira)* Legal, esse porteiro, viu? Gente finíssima.

Artur – Eliana, isso é invasão. Você não pode ir entrando assim... Quem te deu a chave?

Eliana – *(Não se altera. Chave na mão, olha)* O chaveiro. *(Solta uma gargalhada.)*

Artur – *(Avança)* Dá essa porra de chave aqui.

Eliana – *(Barra-o com a mão e um grito)* Alto lá, baby. Quem dá as cartas sou eu. *(Pausa. Rindo)* E as chaves também *(Põe a chave no bolso)*. A chave é minha. Paguei com meu dinheiro.

Artur – *(Sem graça)* Meu, não acredito, esse apartamento é meu. Você invadiu a minha casa.

Eliana – Que seu, que seu. Você paga aluguel. *(Irônica)* Ou comprou e eu não sei? *(Pausa)* Sim, porque faz um porrilhão de meses que a gente não se vê.

Artur – Eu ia te ligar.

Eliana – É o mínimo que se faz depois de trepar com uma pessoa um tempão e na última vez deixar ela dormindo num quarto de motel.

Artur – Desculpe, eu tinha bebido demais.

Eliana – *(Levanta-se)* Beber. Boa idéia. *(Vai ao barzinho)* Um drinque? *(Irônica)* Nenê.

Artur – Nenê é a puta que te pariu.

Eliana – Não diga palavrão, baby. Você sempre foi controlado. A louca aqui sou eu. Ou não? (*Serve-se*) E a primeira lição de um louco para pessoinhas como você, doidinhos pra despejar porra no rabo dos outros e depois dar o fora...

Artur – Não admito que...

Eliana – (*Impassível*) Troque sempre a fechadura, meu amor.

Artur – (*Abre a porta*) Sai, filha da puta.

Eliana – Ei, não faça isso com uma amiga, meu. Que falta de educação. Eu vim te visitar. (*Senta-se*) Deixe eu tomar meu uisquinho caubói. (*Suspira*) E portas, meu filho, portas não impedem ninguém de entrar.

Artur – (*Fecha a porta. Está ansioso*) Tá, toma e depois dá o fora. Amanhã a gente conversa.

Eliana – Podíamos conversar hoje mesmo. (*Aponta a porta que dá para o quarto*) Lá. (*Ri*) Eu estou com saudades. (*Passa a boca sensualmente na borda do copo, olhando Artur*) Muuuuuuittaaa!!! (*Gargalhada*)

Artur – Você já veio bêbada pra cá, sua puta.

Eliana – (*Põe o copo na mesinha de centro*) Engraçado, né Artur, (*Anda e aponta Artur*) eu estava pensando um pouco nessa coisa de puta, ultimamente. Somos putas porque gritamos na hora do gozo, somos puta quando damos o cu, somos putas quando chupamos, somos putas quando fazemos o que os nossos homens querem...

Artur – Quer parar...

Eliana – (*Sem olhar Artur*) Calma, baby, não me tire a concentração. Deixe eu terminar. Vejamos onde eu estava. (*Pausa*) Ah, me lembrei. Somos desprezadas por sermos putas e procuradas justamente por sermos putas. Mas os homens... (*Senta-se, ofegante*) Porra, os homens. Quem entende vocês, hein? Adoram levar para o altar a santinha, a que fala “eu te amo” ao invés de “enterra tudo, peão”. O tataravô era assim, o bisavô era assim, o vizinho é assim e... (*Aponta*) Ai está. Nem trinta anos e age com as mulheres como se tivesse setenta. (*Vai ao barzinho*) Vai se foder.

Artur – Modere as palavras, piranha. (*Senta-se, esgotado*) E pare de beber, caralho.

Eliana – (*Para si*) Que grossura. (*Repete, para si, mastigando as palavras*) Modere as palavras, piranha.

Artur – Desculpe, Eliana. (*Pausa*) E pare de beber, por favor.

Eliana – Deixe, velhinho. Deixe eu me afundar no álcool. Estamos enterrados neste conjugado, baby. (*Vai à beira do palco, copo na mão*) Quando eu andava pelas ruas, saindo de um cineminha qualquer, ou mesmo um teatro, eu caminhava pro ponto de ônibus ou metrô e olhava, às vezes, as janelinhas do primeiro andar dos apês. É engraçado ver isso,

Artur. A gente na rua com inveja daquelas luzinhas e não imagina (*Olha em torno*) que as pessoas ali podem estar vivendo o mesmo inferno que a gente está vivendo aqui agora, meu chapa. (*Pausa*) Artur.

Artur – Que, Eliana?

Eliana – (*Voz triste*) Será que as pessoas só são felizes depois que ficam velhinhas?

Artur – (*Exausto, olha o relógio de pulso e afrouxa a gravata*) Sei lá, Eliana. Filosofia agora não, acabei de chegar do trabalho.

Eliana – (*Olhando para a platéia, pede silêncio a Artur com o dedo indicador nos lábios*) Artur, ouça. É o silêncio dos apartamentos, Artur. O mais perigoso dos silêncios. Um silêncio que odeia, um silêncio que humilha, que quer matar, destruir. Um silêncio cheio de ressentimentos.

Artur – Vem sentar, Eliana. (*Tira o paletó.*)

Eliana – (*Mais baixo*) Eu sinto que todos me olham, Artur. Que todos sabem que eu não tenho amor. (*Curva-se, cara de quem vai chorar*)

Artur – (*Vai em socorro*) Vem sentar, Eliana. (*Pega-a pela cintura, toma o copo da sua mão*) Você já veio bêbada, Eliana. Puta merda. Pare com isso.

Eliana – Encosta em mim, Artur. Encosta em mim um pouco. Eu te peço. Só um pouquinho...

Artur – A Leila vai chegar, Eliana. Por favor. Toma um banho, eu vou fazer um café. Aí eu chamo um táxi e outro dia a gente...

Eliana – (*Recupera-se na hora*) Eu não quero café. Eu não quero piedade. Eu quero carinho. Eu quero conversar com você. Eu quero falar com a porra da Leila e colocar tudo em panos limpos, baby.

Artur – (*Agarra-a pelos pulsos*) Tá louca? Que conversar com Leila o quê. (*Olha os antebraços de Eliana*) Que que é isso, Eliana? Você está se drogando.

Eliana – (*Tenta esconder os braços. Sem graça*) Faz pouco tempo. Eu estou desmoronando...

Artur – Porra, como você é complicada, Eliana. Por favor, Li. A Leila vai chegar. Eu não queria que ela te pegasse aqui. Ia ser uma merda pra ela, pra mim...

Eliana – (*Serve-se*) Pra ela? Pra você? E pra mim, benzinho? Eu sou a descartável?

Artur – Não complica as coisas, pelo amor de Deus. Eu nem termino de falar e você já interrompe.

Eliana – (*Bebe de uma vez*) Você não tem pena de eu estar me drogando?

Artur – *(Faz-se de duro)* Você faz da merda da sua vida o que você quiser. Só não foda a minha.

Eliana – Sabe o que eu gostaria de ser? *(Pausa)* Uma boneca inflável. *(Pausa)* Sem sentimentos, sem emoções, sem expectativas. *(Senta-se, olhando o copo)* O cara faria de mim um depósito de porra. Depois me limpava direitinho e me deixava no guarda-roupa. O legal seria se ele fosse paraplégico. Sabe esses caras que não andam e ninguém trepa com eles? Aí ia ser legal. Quando ele me deixasse no armário viria uma fada madrinha e me encantaria. Eu sairia de lá e enquanto ele dormisse eu passaria a mão no rosto dele e faria com que ele sonhasse que eu sou a mulher mais doce e mais linda do mundo. E enquanto ele sonhasse eu ficaria lambendo as lágrimas da sua ilusão.

Artur – *(Tira os sapatos)* Eliana, pelo amor de Deus. Quer fazer o favor de ir embora? *(Pausa)* Onde você está morando?

Elisa – *(Senta-se, esgotada)* Era com a Rê, cara. Mas eu não posso mais voltar pra lá porque o namorado da Rê tá dormindo todas as noites lá e ela pediu que eu arrumasse outro lugar. Eu sai pra bundar e andei, andei, andei... *(Pausa)* E vim parar aqui. *(Riso nervoso)* Interessante, né?

Artur – Eliana, eu te coloco num hotel. Eu pago. Depois a gente conversa.

Eliana – Não quero hotel. A casa da gente é sempre melhor.

Artur – Essa casa não é sua, Eliana. É minha. *(Deita-se no sofá, mão na nuca.)*

Eliana – Ah, Artur, deixa eu me iludir, vai?

Artur – Isso não tem sentido, eu...

Eliana – Deixa eu te contar uma história. Quando eu era criança, baby, eu achei na rua um cachorrinho tomba-lata, desses bem fodidos, o pelo cinza que nem um rato, cheio de ramela nos olhos e uma puta carniça herdada da mãe dele...

Artur – *(Rememorando)* ... Era uma fileira de cachorrinhos seguindo aquela cadela de peitos murchos e fodidos. Ele era o último e mal conseguia andar. Ele ia morrer. Fazia um puta calor. Você pegou ele e ele ganiu...

Eliana – A história é minha. Deixe eu contar com as minhas palavras. *(Pausa)* Legal?

Artur – *(Enfastiado)* Tá, vai.

Eliana – A dona cadela olhou pra trás e nos olhos dela parecia que estava escrito: “obrigado filha por cuidar do meu menino”. Eu peguei o cachorro e levei pra casa e cuidei dele pra cacete. Ele foi crescendo, crescendo, crescendo, e se tornou o cachorro mais lindo do bairro, cara. Ele era super-mimado. A gente tinha altos papos, bicho.

Artur – Ai, Eliana, pelo amor de Deus, eu tive um dia cheio. Você já contou essa história uma caralhada de vezes.

Eliana – (*Magoada*) As pessoas têm suas histórias, bicho. E elas repetem porque é delas, meu.

Artur – Vai rápido Eliana. Mas eu aviso. Não estou ouvindo.

Eliana – Ouça, Artur. É a minha história, cara. Minha e do meu cachorro. Um dia uma vizinha foi lá em casa e deixou a porra do portão aberto, Artur. Eu estava chegando da escola. No exato momento em que cruzei a esquina um porra num caminhão passava a toda e meu menino não viu. (*Pausa*) Eu ouvi o grito, Artur. O grito lancinante do meu pequeno. O caminhão nem parou, cara. Não teve vizinho, curioso, nada. Eu soltei os livros no chão e corri. Corri de encontro ao meu cachorro.

Artur – (*Irritado, como quem declama*) E enquanto gritava “Você vai sarar. Você vai sarar”, os olhos dele fixaram os meus e ele foi morrendo, o sangue nas minhas mãos. Eu não chorei, Artur, até então eu não tinha descoberto a lágrima. Mas bastou eu ver um outro cachorro se aproximando e eu cai num berreiro do caralho.

Eliana – (*Levanta-se*) Sabe quem era o cachorro que se aproximava, Artur? (*Pausa*) A mãe do meu cãozinho. Eu chorei porque ela lambeu o sangue da cria dela, uivou três vezes e depois me olhou fixamente e saiu caminhando, sem olhar pra trás.

Artur – (*Exausto*) Eliana, pare com isso, por Deus. Eu conheço essa história de cor e salteado. Me poupe um pouco a beleza, pelos céus, vai.

Eliana – Desde esse dia, cara, o sentimento de culpa me persegue.

Artur – Sentimento de culpa porque a porra da vizinha deixou o *catzo* do portão aberto e um veado num caminhão de merda atropelou seu cachorro vira-lata? (*Pausa*) É incrível como você confunde tudo.

Eliana – (*Para si*) Temos responsabilidades, Artur. Não podemos abandonar sequer quem nos ama.

Artur – Sinto muito pelo seu cãozinho, sinto muito pelos seus traumas. Sinto muito também pelo seu passado de caca. (*Levanta-se*) Agora, a senhora vai para o banheiro tomar um bom banho e ir prum hotel. (*Caminha para o telefone*) Conheço um legal onde você pode ficar, Eliana. Já vou pedir um táxi.

Eliana – Tire sua pata desse telefone, Artur. Senão eu faço um puta escândalo que vai dar polícia no seu apê. (*Riso nervoso*) Já pensou a interioranazinha chegando e vendo um monte de milico no apê do noivinho dela? (*Má*) Será que ela desmaia, Artur?

Artur – (*Ódio profundo*) Chantagista de merda.

Eliana – Disso você entende, velhinho. Quantas chantagens para comer meu cuzinho pela primeira vez, se lembra? Flores, bombons, bilhetinhos...

Artur – Que ridículo.

Eliana – Você vai morrer de rir, amor. Eu dei o loló pra você mas eu guardei algumas pétalas das rosas no meio do meu livro, os papéis dos bombons, todos os bilhetinhos. Eles andam comigo, Artur. *(Aponta)* Ali, na minha bolsa.

Artur – *(Mão no rosto)* Eu não estou vivendo isso, meu Deus.

Artur – Está, Artur. Está não. Estamos.

Eliana – *(Vai servir-se)* Desculpe, Artur. Mas hoje eu quero encher a cara.

Artur – Você vem conversar comigo, cadela, e vem picada, bêbada, e diz que quer conversar. E justo hoje em que chega a Leila. *(Pega Eliana pelo braço e arrasta-a, abrindo a porta)* Vai sair daqui agora.

Eliana – *(Segura-se no batente e dá um safanão em Artur para soltar-se, berrando)* Me larga, caralho.

Artur – *(Assustado fecha a porta)* Não grita, boceta. Acorda os vizinhos. *(Encosta-se na porta, esgotado.)*

Eliana – *(Caminha pela sala rapidamente, tocando as coisas)* Cada móvel dessa casa faz parte de mim, Artur. Enquanto você não chegava eu gostava de conversar com esses móveis, com as toalhas, os guardanapos, os garfos, as facas, principalmente as facas. Eu perguntava coisas e eles respondiam. Eu queria saber tudo de você e eles sabiam tudo de você. Antes de você chegar, Artur, os móveis me receberam tão bem. Eles disseram “oi, Eliana, que bom que você veio, estávamos com saudades” e aí eu respondi “oi, móveis, bom ver vocês também. Tudo em riba, pessoal?” *(Insana, passa a mão na mesa)* Tudo empoeirado, Eliana, tudo muito empoeirado.

Luz apaga.

Cena 2 – Antecedentes

Aparece Artur no canto esquerdo do palco e Eliana no direito. Têm o rosto feliz. Estão refeitos. Foco somente nos dois, olhando acima do público.

Artur – No primeiro dia dela no escritório eu estremei.

Eliana – Ele era lindo.

Artur – Uma gatinha e tanto.

Eliana – Parecia um príncipe.

Artur – Começa hoje?

Eliana – Eu era a nova recepcionista.

Artur – Uma vizinha doce, um encanto.

Eliana – Eu me segurei.

Artur – Hã?

Eliana – Qual seu nome?

Artur – E o seu?

Eliana – Bonito.

Artur – Não tanto quanto o seu.

Eliana – Trabalha há muito tempo aqui?

Artur – Coisas de praxe. É o que sempre perguntamos.

Eliana – Me ensina a usar a máquina de xerox? No fundo eu queria mesmo é perguntar....

Artur – Se tenho namorada?

Eliana – Mas aí era avançar demais.

Artur – Claro que eu mentiria. Eu lá ia dizer?

Eliana – Era quase hora do almoço.

Artur – Hoje cheguei atrasadíssimo. Não vou almoçar. Tenho de entregar uns relatórios.

Eliana – Embora o coração fique berrando a gente se comporta.

Artur – Legal te conhecer, sucesso aqui no trabalho.

Eliana – Ele foi se afastando.

Artur – Fui pra minha mesa tramando coisas.

Eliana – Jurei pra Nossa Senhora que não ia me deixar fisgar assim tão fácil.

Artur – A primeira coisa que fiz foi apontar um lápis pra enganar o nervosismo.

Eliana – E o colega dele disse.

Artur – Apontando lápis, meu filho? Não quer mais usar o computador não, é?

Eliana – Coisa mais antiga essa de apontar lápis.

Artur – Eu fui logo pensando em mandar um belo e-mail pra ela.

Eliana – Se ele me mandasse um bilhete logo no primeiro dia eu jamais teria dado pra ele.

Artur – Achei melhor escrever. Mas não no mesmo dia.

Eliana – Naquele dia eu fui embora com o coração na garganta e, à noite, em minha casa, ouvi Laura Fygi e rodopiei alucinada na sala da minha casa.

Artur – Não vou mentir pra vocês, eu bati uma punheta.

Eliana – (*Suspiro*) As mulheres se masturbam. É diferente de bater punheta. (*Ri*) Pelo menos a gente acha que é, né?

Artur – Comigo não, jacaré. Foi ali mesmo, no banho quente. Pensando o quê. (*Sentam-se de costas para o público.*)

Eliana – Obrigado por ter me convidado prum cineminha.

Artur – Tava a fim de ver esse filme uma caralhada de tempo.

Eliana – Hã?

Artur – (*Ri*) Desculpe, há muito tempo.

Eliana – Pode falar caralhada, tudo bem. Mas é que não fica bem nessa boca tão linda.

Artur – Não elogia que eu acredito. (*Pausa*)

Eliana – Se pode me beijar?

Artur – Desculpe, acho que fui patético.

Eliana – Não, legal isso de pedir. Estamos no fim dos tempos. A gente até acha estranho, mas impressiona essa coisa de pedir um beijo. Mexe com a gente, entende?

Artur – Estou fazendo você perder tempo. Se te contar uma coisa você não ri?

Eliana – (*Ri. Pausa*) Agora conta.

Artur – Não falei pra não rir?

Eliana – Achei melhor fazer antes pra não magoar depois.

Artur – É que eu quando penso em você fico de pau duro.

Eliana – Fantástico. Isso também impressiona.

Artur – O pau duro?

Eliana – Não. Pedir um beijo e ao mesmo tempo contar do pau.

Artur – Ofendi.

Eliana – Não, baby, não ofendeu.

Artur – Baby?

Eliana – Gosto. Vejo muito em filme. *(Pausa)* Não gosta de baby?

Artur – *(Pausa. Sem graça)* Gosto. Claro que gosto.

Eliana – E nenê?

Artur – Nenê?

Eliana – É. No sentido de carinhoso.

Artur – Tudo bem, vai.

Eliana – Dá sua mão?

Artur – É sua.

Eliana – Saímos há vários dias e você ainda não me comeu.

Artur – O quê? Tô no maior respeito e você me tira, meu?

Eliana – Não, estou impressionada. Isso é simplesmente incrível. Eu tenho vontade de ir ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida agradecer por você ter surgido na minha vida.

Artur – Não devia confiar tanto em mim.

Eliana – Confio em mim, Artur. E não estou disposta mais a perder você.

Artur – Acho que estou começando a amar você.

Eliana – Quando a gente fizer amor vai ser superlegal. Eu tenho certeza.

Artur – Quero que seja um momento muito especial.

Eliana – Vai ser.

Artur – Eliana.

Eliana – Fala, amor.

Artur – Adoro quando você diz “fala, amor”.

Eliana – Diz, carinho.

Artur – Você já saiu com outros caras?

Eliana – Sim.

Artur – (*Decepcionado, gagueja*) Gostou?

Eliana – Muito.

Artur – (*Ciumento*) Acho melhor a gente ir embora.

Eliana – Aconteceu alguma coisa?

Artur – Não.

Eliana – Disse alguma coisa que magoou você?

Artur – ‘magina.

Eliana – Acho você tão especial, não queria magoar.

Artur – Quantos caras?

Eliana – O quê?

Artur – Com quantos caras você saiu?

Eliana – (*Irritada*) Quer saber quantos caras me comeram?

Artur – Quer fazer o favor de não ir direto ao ponto?

Eliana – Tá bem, então não vou. (*Pausa*)Alguns.(*Pausa*) E você?

Artur – Sai ou comi?

Eliana – Saiu e comeu.

Artur – Um montão.

Eliana – Tudo isso?

Artur – Ah, mas a gente não liga muito pra isso não. O que vale é a pessoa que a gente gosta.

Eliana – (*Ri*) Desculpe, Artur, mas essa fala era minha.

Artur – Tem sempre um momento em que a gente começa a mentir e aí o caminho não tem mais volta.

Eliana – Vamos prum motel hoje?

Artur – Se você quiser.

Eliana – Eu quero.

Artur – Já disse isso outras vezes?

Eliana – Pra outros caras?

Artur – É.

Eliana – Sim.

Artur – (*Rancoroso*) Eu também.

Eliana – Pra outros caras?

Artur – “Dãrdi”!!

Eliana – A diferença, Artur, é que se dissermos mil vezes sempre será como se fosse a primeira vez. (*De costas um para o outro.*)

Artur – Eu nem podia imaginar.

Eliana – Nunca acredite no que as pessoas dizem, Artur.

Artur – (*Para si*) Virgem.

Eliana – Era.

Artur – Mas eu devia saber disso antes, você me enganou.

Eliana – Você não tinha que saber nada antes. A decisão era minha e decidi.

Artur – (*Para si*) Virgem.

Eliana – Você dá tanto valor assim a virgindade?

Artur – Mas a coisa muda de figura, Eliana.

Eliana – Não muda de figura não senhor.

Artur – Virgindade é coisa séria, Eliana.

Eliana – (*Ri*) Bem, no meu caso era, né?

Artur – Estou pensando em dar flores a você.

Eliana – Pro velório do cabaço?

Artur – Não brinque com isso. Eu estou apaixonado.

Eliana – Ficamos tolos quando estamos apaixonados e corremos o risco de deixar o outro tolo também.

Artur – Penso que poderia me casar com você.

Eliana – (*Suspira. Para si*) Meu Deus, o que um cabaço não faz na cabeça de um homem.

Artur – Não ouvi.

Eliana – Mulher pensa alto, Artur. Nem queira ouvir. Nem queira. Kiss me. (*Beijam-se delicadamente e se acariciam no rosto.*)

Artur – Acho que temos uma longa história pela frente.

Eliana – Eu gostaria que não acabasse nunca.

Artur – Não vai acabar.

Eliana – Você promete?

Artur – Quer um sorvete?

Eliana – De morango.

Artur – Com cobertura?

Eliana – Sem cobertura. (*Pausa*) Sem nenhuma cobertura.

Cena 3 – Abismos e rosas

Palco escuro. Luz neles, cada qual num canto da sala.. Ele de cuecas e ela de calcinha. Em pé. A roupa no chão. Começam a vestir-se enquanto falam. Não se olham.

Artur – Que diabos é isso agora?

Eliana – Ver você e meter, ver você e meter, ver você e meter. Só isso?

Artur – Como só isso? (*Pausa*) Tudo isso!

Eliana – Eu queria sair.

Artur – Não tenho grana pra gente ficar saindo, Eliana. Eu ando durango.

Eliana – Andar no parque. Isso é de graça.

Artur – Odeio parques.

Eliana – Andar na rua e tomar chuva. Não tomamos chuva em março passado. Você prometeu.

Artur – Não choveu tanto em março passado.

Eliana – Choveu sim senhor.

Artur – Odeio chuva.

Eliana – Então podíamos simplesmente sentar numa praça e namorar.

Artur – Eu não tenho idade pra sentar em praça e namorar. (*Pausa*) E isso aqui não é interior de São Paulo, Eliana.

Eliana – Não existe idade pra sentar em parque e namorar. Que chatice.

Artur – Legal a gente estar junto aqui neste quarto. E isso me basta.

Eliana – Um cineminha, uma danceteria. Porra, a gente nunca foi numa danceteria.

Artur – Eu não sei dançar direito.

Eliana – Dançar é soltar o corpo. Não tem mistério.

Artur – Eu não sei soltar o corpo.

Eliana – Mas Artur.

Artur – Eu não quero soltar o corpo, cacete. Vou pedir uma pizza.

Eliana – (*Gesto*) Fuc fuc pizza, fuc fuc pizza, fuc fuc pizza.

Artur – Quê? Não gosta de transar comigo?

Eliana – Não gosto de pizza depois, só isso.

Artur – Eu tô com fome.

Eliana – Vamos comer hambúrguer.

Artur – Odeio hambúrgueres.

Eliana – Então pede pizza pequena e me leva pra comer hambúrguer.

Artur – Eu não posso sair. Tenho que ler uns relatórios.

Eliana – Então...

Artur – É. Segunda a gente se vê. Tá tarde.

Eliana – Me leva até o metrô então, Artur.

Artur – Tá cedo, Eliana.

Eliana – Eu tenho medo. (*Terminam de se vestir.*)

Artur – Larga mão de ser medrosa.

Eliana – Tchau, então.

Artur – Tchau.

Eliana beija o rosto de Artur, delicadamente. Ele não reage. Ela suspira e sai. Ele fica impassível

Cena 4 – Crescer dói

Palco escuro. Quando a luz acende, Eliana está com roupa de criança e sentada em um balanço, à direita. Artur empurra-a delicadamente. Luz somente nela. Vê-se apenas a silhueta dele.

Eliana – Você tem vontade de casar, primo?

Primo – Nem pensar.

Eliana – Eu sonho com um príncipe encantado. Talvez um artista de tevê, desses bem bonitos.

Primo – Essas coisas não existem.

Eliana – Existem sim. Claro que existem. Você que é bobo.

Primo – Vou contar pra sua mãe que você tá falando essas coisas de namoro e casamento.

Eliana – Pode contar, ela não liga.

Primo – Então eu conto pro tio.

Eliana – (*Pânico*) Pro meu pai, não. Ele me mata.

Primo – Então eu não conto se você fizer uma coisa.

Eliana – Que coisa?

Primo – Me dar um beijo e deixar eu ver seus peitos.

Eliana – (*Assustada*) Não.

Primo – Então...

Eliana – Não conta, primo, não conta pro meu pai...

Primo – Você resolve.

Eliana – Tá bom.

Ele segura o balanço, que pára. Beija-a, quase destroncando sua cabeça pra trás

Primo – Agora, os peitos.

Eliana – (*Recompondo-se, passa a mão nos lábios, enojada*) Você me beijou de língua.

Primo – Meus amigos dizem que é assim que se faz.

Eliana – Que vontade de vomitar...

Primo – Os peitos.

Eliana – (*Levanta-se e vira-se para ele e abre a camisa*) Rápido, pode chegar alguém.

Primo – Que pequenos...

Eliana – Que queria?

Primo – Deixa eu chupar eles?

Eliana – Não ouse.

Primo – (*Gritando*) Tio!

Eliana – Bem rápido. (*Primo chupa com sofreguidão e ela revira a cabeça pra trás, humilhada.*)

Primo – (*Pára*) Agora mama o meu cacete.

Eliana – (*Escandalizada*) Quê?

Primo – Tio!

Eliana abaixa-se. É penumbra. O primo ri um riso sórdido. Depois a empurra e faz gesto de guardar o pau. Eliana agarra-se ao balanço com ânsia de vômito, limpando a boca

Primo – *(Afasta-se, rindo)* Tchau, Eliana. Eu vou dizer aos meus colegas a delícia de prima que tenho.

Luz fecha totalmente. Voltamos para a cena da sala do apartamento. Quando a luz acende, Eliana e Artur estão rindo, bebendo champanhe.

Eliana – Ridículo. Eu vomitei.

Artur – *(Malandro)* E depois?

Eliana – Depois o quê?

Artur – O primo não levou os coleguinhas pra você chupar também?

Eliana – *(Confusa, tensa)* Coleguinhas, não me lembro de coleguinhas.

Artur – Desculpe, eu só estava brincando. Vocês eram crianças.

Eliana – *(Aérea)* Aquela balança era de nossa casa do sítio.

Artur – Como se chamava seu primo?

Eliana – *(Desconcertada)* Emiliano.

Artur – Eliana, ele tinha o mesmo nome do seu pai?

Eliana – *(Estende o copo)* Mais champanhe.

Artur – O mesmo nome?

Eliana – *(Riso nervoso)* Por que estamos falando sobre essas coisas?

Artur – Só perguntei. Você que começou a conversa.

Eliana – *(Agressiva)* O passado das pessoas só interessa a elas. Não quero mais falar sobre isso.

Artur – Desculpe, pensei que você já tinha superado.*(Simplificando)* Relaxa, Eliana. Essas coisas entre crianças...

Eliana – *(Corre para Artur)* Você tem nojo de mim, Artur?

Artur – *(Brincando)* Porque você mamou o priminho? *(Riso)* Bem capaz.

Eliana – *(Chora no colo de Artur, sentada no chão)* Eu preciso te dizer uma coisa.

Artur – *(Passando a mão na cabeça dela)* Ei, relaxa Eliana. Pare de tomar champanhe. Você está altinha.

Eliana – *(Berra, o rosto enterrado no colo de Artur)* Eu nunca tive primo, Artur...*(Soluça desconsolada. Ele afaga-a com carinho.)*

Eliana – *(Num repelão)* Me solta.

Artur – Eu só estou fazendo um carinho.

Eliana – Eu não confio nos seus carinhos.

Artur – É só um carinho.

Eliana – Você não me dá sossego.

Artur – Quê?

Eliana – Você não me deixa em paz.

Artur – Ta louca, meu?

Eliana – *(Corre para um canto da sala e se aninha como um feto)* Não toque mais em mim.

Artur – *(Levanta-se)* Que que é isso, Li. Sou eu.

Eliana – *(Gritando)* Não se aproxime.

Artur – Que isso, amor?

Eliana – *(Chorando)* Não se aproxime que eu chamo a mamãe.

Artur – Sou eu Eliana, sou eu.

Eliana – *(Gritando)* Tire sua boca de mim, tire sua boca nojenta de mim paizinho..... *(Luz)*

Cena 5 - Leila

Cena na sala do apartamento de Artur

Eliana – Devia ter me falado, eu tinha direito de saber.

Artur – Tentei muitas vezes. Mas não tinha coragem.

Eliana – Não tinha coragem. Que bonitinho. Que coitadinho.

Artur – Não posso fazer nada.

Eliana – Ela ou eu?

Artur – Estou confuso.

Eliana – Entre ela ou eu?

Artur – Sobre a situação. Faz anos que namoro a Leila.

Eliana – *(Para si, rancorosa)* Leila. Bonito nome.

Artur – Ela é uma garota legal, Eliana. Não merece isso.

Eliana – Eu mereço.

Artur – Ninguém merece.

Eliana – Então a ida pro interior não era só pra ver a mamãezinha querida.

Artur – Não posso ficar dando satisfações a você assim.

Eliana – Certo. Que mais?

Artur – Não sou seu marido.

Eliana – Certo. Que mais?

Artur – Quer conversar como adulta, Eliana?

Eliana – Como adulta?

Artur – Como adulta, isso mesmo.

Eliana – Você está me pedindo para conversar como adulta?

Artur – Não. Eu estou te pedindo pra conversar como adulta. Deu pra entender?

Eliana – Você me trai e quer que eu...

Artur – Eu não te enganei, Eliana. Você não tinha que fuçar nas minhas coisas. Mais cedo ou mais tarde eu ia contar.

Eliana – Bilhetes, fotos, declaraçõezinhas de amor... E a besta aqui querendo apenas dançar numa discoteca.

Artur – Ela é minha namorada.

Eliana – Você não me disse que tinha uma namorada.

Artur – Você não me perguntou se eu tinha uma namorada.

Eliana – Por que se engraçou comigo, cara? Por que me enganou?

Artur – Eu não enganei você. Eu me enganei. Eu estava sozinho aqui em São Paulo. Eu me confundi.

Eliana – Ah, você se confundiu e por isso fodeu a minha vida.

Artur – Eu não fodi a sua vida, caralho.

Eliana – Eu amo você.

Artur – Esses meses foram legais, Eliana. Mas acabou.

Eliana – Uma laranja.

Artur – Laranja?

Eliana – Que você chupa e joga fora.

Artur – Não se humilhe.

Eliana – Eu não, Artur. Você é que está me humilhando.

Artur – Não estou. Eu estou contando a verdade pra você.

Eliana – Eu tenho nojo de você, Artur. Eu tenho nojo dos homens.

Artur – Eu não tenho culpa que o seu pai...

Eliana – *(Berra, a voz estrangulada)* Não fala daquele verme. Não use contra mim coisas que confessei a você. *(Para si mesma)* Artur, eu vou matar você e me matar.

Artur – Pára de dizer asneira, pelo amor de Deus. Você não fere nem uma barata.

Eliana – *(Com ódio, para si mesma)* Você vai se arrepender, Emiliano.

Artur – *(Chacoalha Eliana)* Pára com isso, maluca. Eu não sou Emiliano.

Eliana – Não me deixe sozinha, Artur. Por favor. *(Em desespero, alucinada)* Fale com a Leila, ó, explique pra ela. Diga que essas coisas acontecem. Que a gente se adora. Que a gente pensa em casar...

Artur – *(Rindo)* Casar? Eu gosto da Leila, Eliana.

Eliana – E gosta de mim.

Artur – Não gosto. *(Silêncio pesado entre os dois)* Eu não gosto de você. *(Pausa)*

Eliana – Desde quando?

Artur – De uns tempos pra cá a gente só tava brigando. Não ia mais dar certo.

Eliana – Eu posso mudar. O que você quer que eu faça pra tudo ficar legal entre a gente?

Artur – (*Abre a porta*) Eu quero que você saia, pra tudo ficar legal entre a gente.

Eliana – Eu não sou um cachorro que se joga na rua.

Artur – Você não é um cachorro que se joga na rua. Está certo. Mas você é alguém que pode atrapalhar a minha felicidade com a minha garota e eu não quero mais você. (*Pausa Berra*) Deu pra entender?

Eliana – Você está me humilhando.

Artur – Você está se humilhando.

Eliana – Você não sabe do que eu sou capaz, cara.

Artur – Sem ameaças, Eliana.

Eliana – Você devia ter me contado.

Artur – Devia. Não contei. Agora me faz um favor: me odeie até morrer e suma pra sempre.

Eliana – Eu não mereço.

Artur – Você mexeu nas minhas coisas. Isso não aceito. Eu confiei em você.

Eliana – Eu também confiei em você, cara.

Artur – Lavou tá limpo, Eliana. Pare de drama mexicano.

Eliana – (*Segura-se no sofá*) Me deixe ficar aqui. Amanhã estaremos mais calmos.

Artur – Não vamos ter amanhã.

Eliana – (*Começa a despir-se*) Me fode pela última vez, Artur.

Artur – (*Resiste ao assédio mas encosta a porta. Tenta afastar-se dela que caminha em seu encontro*) Pára, por favor.

Eliana – Eu tenho fome, Artur. Mate a minha fome.

Artur – Pára, Eliana. Eu não te amo.

Eliana – Não importa. Me come, me come, meu amor. (*Luz vai caindo enquanto Eliana vai se agarrando a Artur que vai cedendo*) Me chama de Leila. Eu sou Leila. Me fode pensando na Leila. (*Joga Artur no sofá*) Ela faz isso? Ela é capaz de amar você com tanto tesão assim?

Artur – (*Empurra-a no chão*) Chega de se humilhar. Eu não quero. Eu não sinto tesão por você.

Eliana – (*Levanta-se arrasada. Para si mesma*) A gente pode tentar.

Artur – (*Abrindo a porta*) Sai. Qualquer dia a gente se vê e conversa melhor. (*Eliana vai tocando nas coisas. abre uma gaveta. fica olhando*) Que você tá olhando aí, Eliana?

Eliana – (*Pega uma chave, sem que ele veja*) Espiando. Dando adeus às coisas.

Artur – (*Impaciente*) Sai. Quero dormir.

Eliana – (*Deitando-se nos pés de Artur, de repente*) Deixa eu dormir aqui. Eu fico em silêncio.

Artur – Que horror.

Eliana – Eu fico na sala.

Artur – Eu quero você longe, Eliana.

Eliana – (*Tentando agarrar-se a Artur*) Eu sempre quero estar por perto.

Artur – (*Empurra-a com o pé*) Você me dá nojo.

Eliana – (*Chorando baixinho*) Você tem nojo de mim, Artur?

Artur – (*Triste*) Desculpe. (*Levanta-a*) Agora sai, por favor. Eu estou com sono.

Eliana – Só uma chance.

Artur – (*Beija-a na face*) Adeus, Eliana.

Eliana – (*Alisa o rosto de Artur*) Até qualquer dia, meu amor.

Artur – Até.

Artur fecha a porta. Senta-se na sala. Batem na porta. Primeiro devagar. Depois forte. Ele passa as mãos nos cabelos, desesperado. O som vai diminuindo junto com a luz

Cena 6 – Noite

À frente do palco improvisa-se uma mesa de bar com duas cadeiras. Um litro de uísque,

dois copos com a bebida e um balde de gelo. Luz somente nela. Depois abre luz somente no rosto de Eliana, de perfil, à esquerda, e no rosto de Artur, também de perfil, à direita. Tem de ser uma luz que os torne espectrais.

Eliana – Achei melhor largar aquele emprego. Ainda liguei algumas vezes. Nas últimas já não atendia, dizia que não estava. Depois não procurei mais. Passei a freqüentar o apartamento de Artur sem que ele soubesse e sempre que dava para usufruir dos horários em que a besta do porteiro estava almoçando ou saía para pagar contas e a portaria ficava às moscas. Para alguma coisa sempre serve uma chave roubada. Coitado. Quantas vezes não dormiu sem saber que eu estava debaixo da cama. Quando ele saía para o trabalho, eu saía logo depois. Também passei tardes inteiras no apartamento sem que ele soubesse. Cheirava as cuecas no cesto de roupa suja e sabia tudo sobre as alegrias e a solidão do meu homem. Roubei fotos dele e dela sem que Artur percebesse. Passei a controlar a secretária eletrônica. Foi assim que fiquei sabendo dia e hora em que Leila chegaria.

Artur – Tive muita pena de Eliana e foi difícil me livrar dela. Uma pessoa complicada. Cheia de complexos. Obcecada. Semanas depois de nos separarmos convidei-a para um motel. Ela aceitou. Foi uma trepada de merda. Eu querendo foder e ela querendo casar. Comecei a ter medo de Eliana e isso parece que me uniu mais a Leila. Não que gostasse tanto de Leila assim. Mas ela parecia-me um porto seguro diante de Eliana. Tinha jurado tomar mais cuidado da próxima vez. Como fazia tempo em que não via Eliana desde que a comi num motel e piquei a mula, achei melhor marcar um encontro para sondar como ela estava. Eu pretendia ficar noivo de Leila e me casar logo. Não posso negar que algo me atraía em Eliana. Talvez sua capacidade de foder. Nunca vi uma mulher usar a boceta com tanta habilidade. Se Eliana não fosse tão perigosa, gostaria que ela fosse minha amante. Leila? Leila é o amor, o sexo lento, cronometrado, o caminho para o tédio. Leila é o casamento possível com os bocejos possíveis. Definitivamente nunca casamos com a pessoa com quem melhor fodemos.

Ambos dirigem-se à mesa. Sentam-se e riem de alguma coisa como se estivessem ali há tempos conversando

Artur – Essa foi demais. Adorei. Boquete?

Eliana – É. Na primeira vez que saímos ele perguntou o que eu gostava de fazer. *(Ri)* Aí eu disse, oras bolas.

Artur – *(Rindo)* E ele assustado...

Eliana – Disse: *(Imitando)* Não, você não entendeu, eu quero dizer assim, tipo hobby.

Artur – E você?

Eliana – Então, cara, boquete. *(Gargalham)*

Artur – Ele deve ter desmaiado.

Eliana – Não, não desmaiou. Mas ficou com uma cara de cuzão de dar pena.

Artur – Quanta maldade, Eliana.

Eliana – Só quis dar uma barbarizada. Não foi de propósito.

Artur – Depois?

Eliana – Ficou tudo legal. A gente saiu algumas vezes. *(Pausa)* Fiz um boquete nele e acabou.

Artur – Tá assim agora é?

Eliana – *(Gloriosa)* Exatamente. Chupo e assopro pra longe de mim. *(Pausa)* Não acredito mais no amor.

Artur – Não exagere. É cedo para desacreditar no amor. Você tem só vinte anos.

Eliana – *(Inclina o corpo para Artur)* Creio só no ódio.

Artur – Isso não leva a nada.

Eliana – O amor não alimenta. O que alimenta é o ódio. *(Pausa)* Sabe, o amor enfraquece. Nos torna vulneráveis. O ódio não, cara. O ódio nos agiganta.

Artur – Menos, Eliana, menos.

Eliana – Mais, velhinho. Mais. *(Pausa)* Por que me procurou?

Artur – Saber de você.

Eliana – O que, por exemplo?

Artur – Ah, sei lá. Sua vida.

Eliana – Minhas boquetes?

Artur – Tira o caralho da boca um pouco, Eliana.

Eliana – *(Ri)* Brincadeira. Aprendi as palavras certas por trás das quais posso me esconder.

Artur – *(Suspira)* Que poeta! *(Pausa)* E continua bonita.

Eliana – São seus olhos.

Artur – Queria pedir desculpas.

Eliana – About?

Artur – Ter deixado você no motel.

Eliana – Eu nem percebi. (*Riem*) No problem, baby. Estou acostumada. (*Pausa tensa*)

Artur – A ser abandonada em motel?

Eliana – A ser usada e jogada fora. Mas é engraçado como me cansei disso.

Artur – Eu tinha bebido. Acordei agoniado. Não sabia se te chamava ou não. Você dormia tão profundamente....

Eliana – Eu tinha sido bem comida. Sabe, quando a gente é bem comida a gente relaxa e relaxando a gente dorme muito. Não foi o seu caso, me parece.

Artur – Não. Eu gosto de transar com você. Mas eu estava tenso.

Eliana – Me come e fica tenso, meu? Caralho!

Artur – Não é isso. Tenso com coisas minhas...

Eliana – E a minha rival?

Artur – Leila não é sua rival.

Eliana – Como está ela?

Artur – Bem.

Eliana – Legal.

Artur – Você?

Eliana – Por aí.

Artur – Namorando?

Eliana – Interessado?

Artur – Saber, pô.

Eliana – Esperando você largar a Leila.

Artur – Sem sacanagem, por favor. Eu gosto de você.

Eliana – Vamos fazer uma coisa? Vamos ser sinceros. Eu gosto da sua rola e você da minha boceta. Vamos começar daí?

Artur – Que é isso?

Eliana – Vamos dar às coisas os nomes que elas têm? Senão, ficamos aqui fazendo de conta que estamos matando as saudades. O nível do uísque vai baixando na garrafa e

subindo na cuca e quando pensarmos que não, estamos atacadados em alguma cama.

Artur – Não seria má idéia.

Eliana – Eu quero o antes e o depois do sexo, Artur. *(Pausa)* Você só pode me dar o durante. O durante eu tenho com qualquer um.

Artur – Pra que ter com qualquer um se pode ter comigo?

Eliana – *(Bebendo o uísque do copo de uma só vez)* Porque você eu amo e aprendi que isso é desaconselhável pruma garota sensível como eu.

Artur – *(Brincalhão)* Tadinha.

Eliana – Vamos nos ver qualquer dia desses.

Artur – Eu procuro você.

Eliana – Poderia ser na sua casa.

Artur – Em casa não. Não acho legal. Acabou, acabou. A gente se vê por aí.

Eliana – Qual a diferença?

Artur – A Leila tem me visitado mais constantemente e tem deixado coisas dela lá. Não acho legal. É um desrespeito com ela e com você.

Eliana – Obrigado pela parte que me toca.

Artur – De nada. *(Bebe tudo)* Gostei desse vestido.

Eliana – A Leila tem um igual, não tem?

Artur – Como você sabe? *(Pausa tensa. Eliana ri. Artur amargurado)* Responda. Como sabe?

Eliana – Intuição, darling.

Artur – *(Avança sobre Eliana para beijá-la. Ela cede)* Esse perfume. Esse perfume é da Leila.

Eliana – *(Voz enigmática)* Mulheres inteligentes têm bom gosto, velhinho.

Artur – *(Patético)* Por isso vocês duas me querem?

Eliana – Vaidoso.

Artur – Confessa, Eliana.

Eliana – *(Enigmática)* A dúvida é sobre quem ficará com os escombros.*(Beijam-se ardentemente enquanto a luz vai cedendo)*

Cena 7 – Força

Voltamos à cena um. Artur está encostado na porta, olhando Eliana, assustado. Ela está tocando as coisas.

Eliana – *(Caminha pela sala rapidamente, tocando as coisas)* Eu queria saber tudo de você e os móveis sabiam tudo de você. Antes de você chegar, Artur, os móveis me receberam tão bem, eles disseram....

Artur – Chega de repetir as coisas, eu quero que você vá embora. *(Passa as mãos no rosto)* Pelo amor de Deus.

Eliana – *(Insana, passa a mão na mesa)* Tudo empoeirado na sua casa, na nossa vida. Tudo empoeirado. *(Senta-se no sofá)* Preciso ficar aqui.*(Pausa)* Vou dormir, meu bem, amanhã eu tiro o pó desse apartamento. *(Deita-se no sofá.)*

Artur – *(Puxa-a pelo braço)* Não me foda a existência, porra. A Leila tá chegando aí, Eliana.

Eliana – *(Levanta-se e vai até uma escrivaninha de onde traz uma arma pelo cano, usando um lenço branco. Joga a arma contra Artur que está estupefato)* Tome, baby. Mate-me.

Artur – Onde “catzo” você achou essa porra, sua maluca?

Eliana – No lugar que você sempre deixou.

Artur – Meu Deus, não acredito. *(Com a arma na mão, sem saber o que fazer, vai falando e apontando para Eliana)* Onde diabos fui me meter, meu Deus? Eliana, vai embora antes que eu descarregue essa merda em você e deixe uma bala pra minha cabeça. *(Racional)* Ó, eu chamo um táxi, te mando prum hotel, a minha mina tá chegando, eu não quero encrenca. *(Patético)* Tá, eu gosto de você, eu curto você, eu vou falar com a Leila, a gente resolve tudo de uma vez por todas.

Eliana – Então você vai se livrar da Leila?

Artur – *(Mentindo, coçando a fronte com a arma)* Tá, eu me livro da Leila se você prometer ir embora agora.

Eliana – Eu não quero ir embora.

Artur – *(Perdendo a paciência)* Mas tem que ir, Eliana. Eu não posso conversar com ela com você aqui. Ia encrencar a coisa muito mais.

Eliana – (*Fazendo que vai dormir*) Conversem à vontade no quarto. Eu me deito aqui e amanhã eu tiro o pó do apartamento pra você.

Artur – (*Perde a paciência e avança sobre Eliana pondo o revólver no seu rosto*) Cansei de suas brincadeiras, cansei de suas loucuras, você é uma bela máquina de foder mas eu não te amo e não te tolero e não te agüento e agora você vai sair daqui a pontapés porque eu tenho nojo de gente louca, de gente carente, de gente de merda que fode a vida dos outros...

Eliana – (*Finge susto*) Calma, amor.

Artur – Amor o caralho. Amor é uma coisa séria e amor eu tenho pela minha mina. Eu comi você porque você era gostosinha e agora enjoiei e agora quem manda nesta merda sou eu, você invadiu meu apartamento e agora eu vou colocar você pra fora nem que seja pela janela. Quer sair por lá, cadela?

Eliana – Quero. Você empurra? Prometo não gritar. (*Artur afasta-se horrorizado, gaguejando, quase sem voz.*)

Artur – Onde eu estava com a cabeça quando me envolvi com você, maluca?

Eliana – (*Ódio na voz*) Eu falo, galãzinho de merda. Você estava com a cabeça na ponta do pau. Você não contava com o amor, Artur. Aprenda, o amor é muito perigoso. (*Pausa. vai até a janela, abre e senta-se no parapeito*) A noite está bonita, Artur. Eu nunca vi uma noite assim, meu amor. Fantástico morrer numa noite assim. (*Lembrando-se*) Ah, Artur, achei a Leila muito bonita. Ela é uma garota muito legal. Quis te fazer uma surpresa e chegou mais cedo.

Artur – Garota legal? Surpresa? Cadê a Leila?

Eliana – Conversamos tanto, Artur. (*Espanto*) Nossa, você nunca comeu o cuzinho dela?

Artur – (*Apavorado*) Ela já chegou? Pra onde ela foi? (*Aponta a arma para Eliana*) Ela te disse pra onde ela foi? (*Berra*) Fala ou te arrebento esses miolos.

Eliana – (*Calmíssima, para si*) Puxa, sabe que eu e ela temos os mesmos sonhos? Casar de véu e grinalda, ter lua-de-mel... Caramba. As mulheres realmente são muito iguais. Os homens deviam saber disso. Agora, me diga por que ela abortou um filho seu Artur? Você não quis o nenê?

Artur – (*Baixa o revólver devagar, começa a chorar baixinho*) Cadê a Leila, Eliana, por favor. Onde ela foi? Ela não conhece bem a cidade, ela vai se perder. Porra, não faz isso comigo.

Eliana – (*Sai da janela*) Você não atira, você não me empurra janela abaixo. Enfim, você é um merda. A mina aborta um filho seu, você nunca comeu o cu dela e quando ela sugeriu chupar seu pau você disse que só minas vagabundas faziam isso. Puta merda, Artur, você é um bosta mesmo, hein?

Artur – Não fala assim comigo, putana de merda.

Eliana – (*Começa a dançar um blue, sensualmente*) A única coisa que desanuvia a vida é a música.

Artur – Pare de dançar e me diga onde está a minha namorada.

Eliana – (*Num ritmo de sonho, onírico*) Dormindo, dormindo profundamente.

Artur – (*Paroxismo total*) Cadê a Leila, Eliana?

Dançando, sem olhar Artur, Leila aponta o quarto. Ele corre desesperado. Ela continua dançando. Artur dá um berro de bicho. Volta para sala.

Artur – (*Na porta do quarto, transtornado*) O que você fez, Eliana? O que você fez com ela? Por que, Eliana, por que tudo isso, Eliana?

Eliana – Uma conversa entre duas mulheres é sempre uma coisa tão perigosa. A gente tem a péssima mania de mexer nos escombros, mexericar demais. Uma sempre perde. (*Vai gritando, num crescendo*) Agora atira, meu amor. Agora atira enquanto eu danço.

Artur vai gritando, como um animal ferido. Eliana continua ocupando toda a sala com sua dança sensual, feliz, os olhos fechados. Começam a bater na porta, cada vez mais forte. Artur baixa a cabeça chorando e vai saindo para o quarto, arrasado.

Eliana – Vamos dançar, Artur. A dança une. (*Nervosa*) Parem de bater, porra. Parem de bater nesta porta. (*Avisando*) Artur, nunca abra a porta para estranhos. Grite ai do quarto, Artur, grite ai do quarto que nós seremos felizes para sempre. Artur, os vizinhos têm de saber.

Luz vai caindo em Eliana que continua dançando. Ouve-se um tiro. A música aumenta.

F I M